A REDE DE DESINFORMAÇÃO NO TWITTER: ATORES INFLUENTES E NARRATIVAS FALSAS NA PANDEMIA DA COVID-19*

THE TWITTER DISINFORMATION NETWORK: INFLUENTIAL ACTORS AND FALSE NARRATIVES IN THE COVID-19 PANDEMIC

Carla Montuori Fernandes**
Luiz Ademir de Oliveira***
Vinícius Borges Gomes****

RESUMO
Este artigo tem o objetivo de analisar a disseminação de informações falsas durante a primeira onda da pandemia da Covid-19 no Brasil. O estudo parte da premissa de que vem ocorrendo um aumento no número de *fake news* que descredibilizam os dados científicos, com maior incidência os ligados à saúde da população e ao campo político. Nesse sentido, o texto identifica e analisa as principais vertentes que sustentaram o conteúdo da desinformação no contexto da pandemia. Essa abordagem incidiu principalmente sobre as notícias falsas que circularam no Twitter, no período de março a junho de 2020. A linha teórica buscará nas discussões de pós-modernidade (Lyotard, 1998; Bauman, 1999, Lemert, 2000) e pós-verdade (Gooch, 2017; Cruz Junior, 2018; Keyes, 2018; D´Ancona, 2018), os pressupostos para analisar em que se apoia a onda de desinformação que circulou nas redes sociais e descrédito na área da saúde. A pesquisa oferece um olhar para as narrativas constituídas em torno da doença, empregando como método a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) alinhada à Análise das Redes Sociais (Recuero; Bittencourt; Zago, 2016).
PALAVRAS-CHAVE: desinformação; pós-verdade; redes sociais on-line; Twitter; Covid-19.

ABSTRACT
The article aims to analyze the spread of false information during the first wave of the Covid-19 pandemic in Brazil. The study is based on the premise that there has been an increase in the number of *fake news* that discredit scientific data, with a greater incidence of those linked to the health of the population and the political field. In this sense, the text identifies and analyzes the main aspects that supported the content of disinformation in the context of the pandemic. This approach focused mainly on the *fake news* that circulated on Twitter, from March to June 2020. The theoretical line will seek in the discussions of post-modernity (Lyotard, 1998; Lemert, 2000) and post-truth (Gooch, 2017; Cruz Junior, 2018; Keyes, 2018; D´Ancona, 2018), the assumptions for analyze what supports the wave of disinformation, which circulated on social networks and generated a wave of discredit in the health area. The research offers a look at the narratives built around the disease, using Content Analysis (Bardin, 1977) as a method in line with the Analysis of Social Networks (Recuero; Bittencourt; Zago, 2016).
KEYWORDS: misinformation; post-truth; social networks on-line; twitter; Covid-19.

* Artigo recebido em 09/08/2023 e aprovado para publicação em 12/11/2023.
** Pós-doutora em Comunicação Política pela Universidade de Valladolid (Espanha). Doutora em Ciências Sociais com ênfase em Comunicação Política pela PUC-SP. Docente titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura das Mídias da Universidade Paulista. E-mail: carla.montuori@docente.unip.br.
*** Bolsista de Produtividade CNPq – C desde 2023 (Processo 317506/2025-0), Doutor (2005) e Mestre (1999) em Ciência Política (SBI/IUPERJ), professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFJF e do Departamento de Comunicação Social da UFSJ. ORCID https://orcid.org/0000-0003-3959-980X.
**** Doutor em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). Mestre em Comunicação pela UFJF. Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC Minas. E-mail: vini-bg@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O final do século XX e o início do século XXI engendram um cenário de morte das grandes narrativas filosóficas, com desagregação dos ideais iluministas de emancipação humana pela ciência e com o vazio das grandes utopias políticas modernas (superação do comunismo e frustração com a democracia neoliberal). Essas alterações na política e na ciência têm desdobramentos correlatos no campo da cultura contemporânea e no funcionamento de várias instituições sociais que evoluíram e se tornaram centrais para as sociedades no século XX. Lyotard (1998) foi um dos precursores das reflexões sobre a pós-modernidade. Dedicou-se a um estudo sobre a posição ocupada pela ciência nas sociedades desenvolvidas, observando que o conhecimento se tornou a força produtiva dominante e que as dinâmicas da circulação do capital e da informação comprimem os Estados Nacionais e desagregam tradições comunitárias. O conhecimento, na condição pós-moderna, é produzido para ser vendido e consumido. O Estado perde o privilégio de produzir e distribuir conhecimento.

O fazer científico se despojou das grandes narrativas iluministas que postulam o desenvolvimento da humanidade a partir do uso da razão e da técnica. Lyotard aponta para a morte das metanarrativas históricas e a crise de legitimidade dos discursos fundadores de exaltação da liberdade política (Revolução Francesa), da liberdade econômica e do progresso (Revolução Industrial), do consenso (contratualismo burguês), da eficiência do Estado burocrático weberiano. Lemert (2000, p. 61) aponta para a ruptura provocada pela falência das metanarrativas na constituição do saber científico:

> A ciência e outras formas de conhecimento dependem da legitimidade em que a cultura as mantém. A modernidade é, assim, a cultura que acredita em certas metanarrativas, ou histórias amplamente partilhadas, sobre o valor e a "verdade" da ciência [...]. A pós-modernidade é uma cultura em que essas metanarrativas são consideradas completamente ilegítimas e, assim, não são universalmente tidas como críveis por completo.

Esses relatos histórico-filosóficos dão lugar à massificação de narrativas individualistas, que produzem uma percepção pragmática da humanidade, com sujeitos atomizados. Nesse quadro de decadência das narrativas clássicas e predomínio de uma lógica pragmática e mercadológica no fazer científico, o início do século XXI vê emergir outro fenômeno social que tem despertado o interesse interdisciplinar de pesquisadores e pode

ajudar a caracterizar o nosso tempo histórico: a chamada pós-verdade. Enquanto a modernidade se caracterizou pela constituição de um sistema de instituições baseado em regras e evolução gradual marcada pela hierarquia de conhecimento e autoridade, em que entidades representativas interagiam com o Estado a partir de protocolos comprovados, essa estrutura hoje é desafiada, conforme esclarece D'Ancona (2018, p. 63), "por uma malha de redes vinculadas não por laços institucionais, mas pelo poder viral da mídia social, do ciberespaço e dos sites".

As novas tecnologias e seu potencial para a disseminação de desinformação e das *fake news* estão colocando à prova a credibilidade de instituições caras às sociedades modernas, como a democracia, a imprensa, a ciência. Em contextos como uma pandemia, a desinformação pode matar, ao politizar e descredibilizar discursos de prevenção, induzindo as pessoas ao erro. As bolhas interativas, a imensa disponibilidade de informação, a horizontalização e a descentralização da produção de conteúdo são mudanças de paradigma que impulsionam a circulação de informação duvidosa e impõem novos desafios para o campo da comunicação social.

O recente surto de Coronavírus originou uma torrente de conteúdos falsos espalhados pelas redes sociais, que acabaram por gerar uma teia de desinformação, com riscos de comprometimento do combate à doença. Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar as estratégias discursivas que sustentaram a narrativa da desinformação e que circularam no Twitter durante a primeira onda da pandemia da Covid-19 no Brasil, destacando-se entre março e junho de 2020. A pesquisa busca responder: como se estrutura e quais os principais atores na rede de desinformação que sustenta a descrença a respeito da pandemia de Covid-19? Quais argumentos narrativos constituem a rede de desinformação que se estabelece e faz circular as *fake news* na primeira onda de contaminação da doença? Para responder às questões da pesquisa, emprega-se o método a Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) alinhada à Análise das Redes Sociais (Recuero; Bittencourt; Zago, 2016).

1 PÓS-VERDADE, *FAKE NEWS* E DESINFORMAÇÃO

Para discutir o contexto informacional contemporâneo no qual se apoia o problema da pesquisa, a propagação de notícias falsas que se proliferam em cenários pandêmicos, é necessário caracterizar dois movimentos que se situam nesse recorte temporal: os elementos

que remontam a suas possíveis origens, apoiados na "sociedade pós-moderna", e a emergência da sociedade da informação e suas dinâmicas recentes.

A principal marca da sociedade moderna está na distinção entre o discurso medieval, que entendia a realidade e a natureza sob o conceito da "Providência", e a ciência, tida como único conhecimento possível, usada para sustentar a ideia do progresso. Na configuração da sociedade contemporânea, tratada do ponto de vista sociológico como "sociedade pós-moderna" (Lyotard, 1998), se instaurou um cenário de descrença nas verdades universais, suspeição em relação à história oficial e desenlaçamento das grandes narrativas, o que o autor definiu como a incredulidade em relação aos metarrelatos.

A condição da cultura contemporânea repercute em um conjunto de transformações relativas às posições de saber e às regras do jogo da ciência. Cruz Junior (2018) se apoia no pensamento de D'Ancona (2018) para explicitar o questionamento que se estabelece entre a pretensão da ciência moderna, tida como única via de acesso para um saber-verdade, e a nova dinâmica pós-moderna, em que as próprias condições de possibilidade de uma verdade que expressa o real em sua forma transcendente se estruturam na crença cada vez mais difundida da existência de múltiplas comunidades interpretativas, cada qual constituída por seus jogos de linguagem e verdades particulares.

A opinião pessoal e as crenças individuais ganham mais valor ao serem acionadas por um novo sistema informacional. O uso articulado das redes tem a capacidade de reafirmar crenças, antes adormecidas ou não vocalizadas, e dar maior força às narrativas difusas que, muitas vezes, contrapõem os lugares de fala da ciência e do jornalismo, por exemplo. Essa confrontação com outros campos encontra em Arendt (1972) uma abordagem muito útil, embora tenha sido estabelecida antes da frenética circulação de dados experimentados nos últimos anos. A filósofa discute o conceito de verdade na política sob um eixo entre verdade racional e verdade factual. A primeira como aquela ligada ao fazer científico e à racionalidade filosófica; a segunda ligada aos indícios dos acontecimentos tácitos, como abordados pelo jornalismo e pela história. A autora, contudo, não ignora que todo fato seja abordado sob interpretações variadas.

A questão para Arendt (1972) está em trazer uma oposição, sobretudo à verdade factual, a partir da mentira deliberada. Ela evoca esse conceito em contraposição ao erro e à opinião que resguardam uma verdade pessoal, calcada em interpretações ou até emoções. Para a autora, há uma correspondência no fato que deve ser buscada. Não se trata de uma pretensão de abordar a verdade em seu complexo debate dentro da própria filosofia, mas de indicar um

caminho possível para sua abordagem, sobretudo, no campo político. Aliás, a autora salienta que a distorção da verdade é fundamento do jogo político desde sempre.

A oposição à verdade racional, no entanto, é a opinião. E é nesse ponto que o debate atual tem caminhado no sentido de discutir o que tem sido comumente chamado de pós-verdade. D'Ancona (2018) salienta que a primazia da emoção leva eleitores a influenciarem suas opiniões e decisões políticas em detrimento de fontes informacionais mais tradicionais, como a imprensa, esta caindo em descrédito. Na mesma linha, Anthony Gooch (2017) referenciou que a pós-verdade consiste na revitalização da verdade, na banalização da objetividade dos dados e na supremacia do discurso emotivo. Para o autor, o conceito de pós-verdade constitui um neologismo cada vez mais usado na compreensão de fenômenos relacionados à percepção de mundo e às novas circularidades de informações/opiniões. Por não se tratar de um fenômeno novo, a pós-verdade já ocupava as discussões de Ralph Keyes, em 2004, quando da publicação do livro *Dishonesty and deception in contemporary life* (Keys, 2018). Zarzalejos (2017) descreve a pós-verdade como arma política da desinformação e faz referência às "10 estratégias de manipulação", que Noam Chomsky elaborou ao referenciar o fenômeno, conferindo ênfase às técnicas para suavizar emotivamente as mensagens, com a intenção de ocasionar uma espécie de curto-circuito no senso crítico e analítico dos cidadãos.

A questão é que a era da pós-verdade mostra-se mais complexa diante de fenômenos cada vez mais presentes no debate social e em vários campos. Há movimentos que negam descobertas científicas, como é o caso do terraplanismo – movimento que defende a ideia de que o planeta seja plano –, ou ainda o reforço do negacionismo às vacinas. A distorção dos campos da ciência, da história, da filosofia e, por conseguinte, do jornalismo indica uma nova relação de poder.

Não obstante, o desenvolvimento das mídias digitais ampliou significativamente os fluxos informativos, permitindo que distintas narrativas encontrassem maior emergência na conceituada sociedade da informação. Nesse contexto, apesar de se tratar de um fenômeno antigo, a desinformação alcançou acentuada proporção em função das tecnologias digitais. No intuito de tipificar o conceito, inúmeros pesquisadores revisitaram definições sobre o termo. Wardle e Derakhshan (2017) apresentaram um quadro conceitual nomeado de "*Information disorder*", com o intuito de estabelecer uma distinção sobre o que eles nomearam de conteúdos de desinformação. Na categoria (a) *misinformation*, ou informação incorreta/imprecisa, estão as mensagens falsas e incorretas que não possuem a intenção de

causar um dano a terceiros; em (b) *malinformation*, ou má informação, estão informações com base na realidade, mas que se constituem por meio de assédios, vazamentos e discursos de ódio com a finalidade de causar algum dano; por fim, na categoria (c) *disinformation*, ou desinformação, estão informações totalmente falsas e produzidas deliberadamente para prejudicar um indivíduo ou grupo social.

Na onda da desinformação, é preciso também destacar que um número crescente de indivíduos se mantém suscetível às informações falsas, em função das bolhas e redes pessoais que propiciam a circulação das *fake news*. Silveirinha (2018) argumenta que as pessoas vivem nas próprias bolhas criadas pela personalização dos algoritmos, as quais são alimentadas por conteúdos, que geram aceitação entre os membros. Para além da revolução tecnológica, fatores como a descrença da população nas instituições tradicionais (mídias, política, justiça, Estado) é tida como o cenário que estimula o agravamento do problema.

2 A ONDA DA DESINFORMAÇÃO DA PANDEMIA DA COVID-19 NA REDE SOCIAL TWITTER

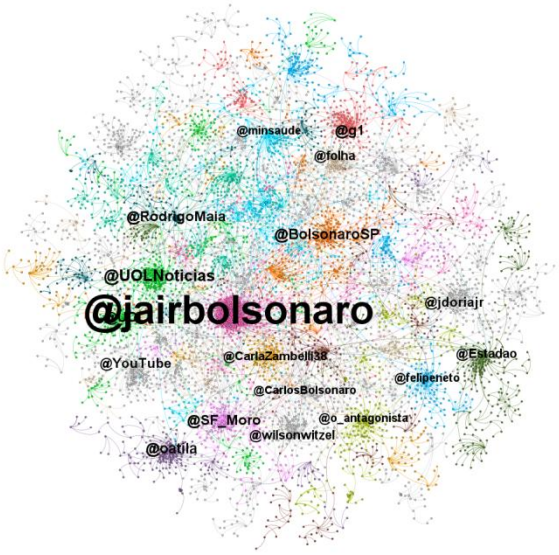
A partir da metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS) pretende-se compreender a movimentação que permeou as redes sociais on-line durante a primeira onda da pandemia da Covid-19, de março a junho de 2020. Uma rede social pode ser definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Degenne; Forsé, 1999; Wasserman; Faust, 1994).

Recuero, Bittencourt e Zago (2016) apontam que a ARS é uma metodologia que permite estudar as conexões, ações e interações entre os atores de uma determinada rede e suas conexões (laços), associadas à etnografia digital. Para realizar a análise da rede social Twitter, foi realizado um *script* desenvolvido em *Phyton*, com os termos Covid-19 e Coronavírus. Ele extraiu um total de 500 mil *tweets*, durante o período de março a junho de 2020. No presente artigo, analisa-se o grau de entrada dos nós e a composição dos *clusters* por meio de menções e *retweets*. Para identificar os *clusters* da respectiva rede, foi aplicada a métrica de modularidade, que se refere a uma medida de vizinhança, ou seja, quanto um determinado nó tende a aparecer dentro de um determinado grupo, sendo possível mensurar a quantidade de conexões existentes em uma comunidade (Recuero, 2014).

A rede dos respectivos meses se constituiu de 45.780 nós e 28.570 arestas. A rede é dirigida e possui 1 de diâmetro. Ao aplicar o algoritmo de modularidade do *Gephi*, a fim de

identificar as relações entre nós e arestas (aproximando ou afastando os atores de acordo com as relações), se chegou nas 13 comunidades principais que abrangem 14,35% de todos os vértices e 23,87% das arestas da rede total usando a resolução 1.0 do algoritmo *Louvain20*. A modularidade da rede é 0,98. Na figura da rede (Figura 1), é possível identificar os *clusters* com os perfis que receberam o maior número de menção (maior grau de entrada) nas discussões sobre a Covid-19 durante o período.

Figura 1 – Rede Covid-19 – Brasil, março a junho 2020



Fonte: dos autores.

A Tabela 1 identifica os 10 principais atores encontrados nas comunidades (*clusters*), criando um enquadramento pela quantidade de menções. A tabela também traz a cor usada como referência do *cluster* no grafo apresentado na Figura 1.

Tabela 1 - Ranqueamento dos *clusters* a partir do grau de entrada na rede

Ranking	Cluster	Ator (vértice)	Grau de entrada (menções)
1		@jairbolsonaro	552
2		@UOLNotícias	146
3		@oatila	126
4		@BolsonaroSP	126
5		@RodrigoMaia	120
6		@SF_Moro	118
7		@G1	118
8		@Folha	103
9		@CarlaZambelli	89
10		@felipeneto	87

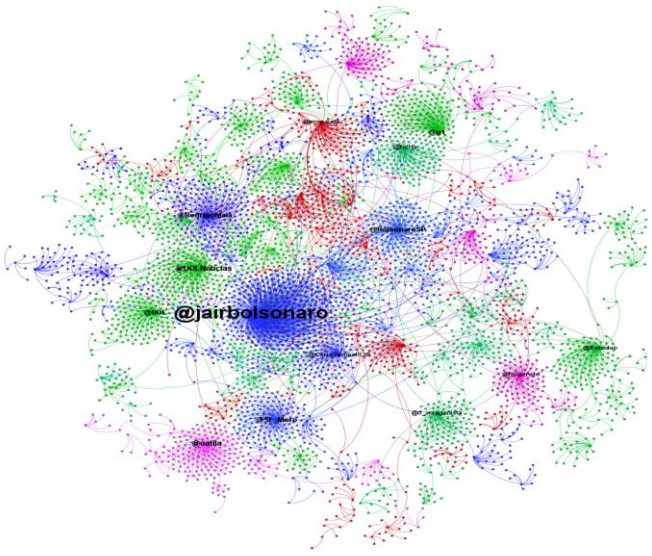
Fonte: dos autores.

Para analisar como se estabeleceu a rede a partir das postagens que mencionavam o termo Covid-19 e Coronavírus durante o período, se faz necessário entender o lugar de fala de cada um dos autores que se destacaram no discurso que ali se estabeleceu. Ao observar a

posição estrutural da rede e o lugar ocupado por esses atores na sociedade, puderam-se perceber algumas dinâmicas que colocaram determinados nós em posições de destaque. Como exemplo, pode-se olhar para o centro da rede e localizar Jair Bolsonaro e a sua base de apoio, localizada nas figuras de seus filhos Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP), Carlos Bolsonaro e da Deputada Federal Carla Zambelli. É possível perceber que todos estão muito próximos, fato que faz sentido porque eles ocupam posições ideológicas semelhantes no campo político, com desdobramentos nas narrativas sobre a Covid-19.

Na oposição, se destacam os atores políticos @RodrigoMaia e @jdoriajr, que enfretavam um embate com os políticos que ocupavam a base governista de Bolsonaro. Para facilitar a leitura da rede, buscou-se um novo olhar para o grafo, a partir da premissa de que a organização dos *clusters* acontece a partir de lógicas distintas de atuação e narrativas. Assim, uma rede foi desenhada com agrupamento por categorias dos 4 diferentes *clusters* percebidos.

Figura 2 – Rede Covid-19 por grupo de autores



Fonte: dos autores

Na Figura 2, a classificação abarcou na cor azul os atores relacionados ao campo político, na cor verde os clusters da mídia, na cor rosa os influenciodores digitais e na cor vermelha o cluster ligado a órgãos estatais.

2.1 FIGURAS POLÍTICAS

O principal destaque da rede é o ex-presidente Bolsonaro. Durante o início da pandemia da Covid-19, Bolsonaro adotou postura contrária às recomendações dos médicos e

da OMS, em especial antagonizando com os governadores e prefeitos sobre as políticas de isolamento e investindo na recomendação de medicamentos que eram questionados pela ciência como eficazes no tratamento da doença.

Em 24 de março de 2020, no pronunciamento feito em cadeia de rádio e televisão, Bolsonaro usou expressões como "resfriadinho" e "gripezinha". Ele se recusou a usar máscara em aparições públicas, item recomendado pelos cientistas, médicos e autoridades sanitárias. A postura do ex-presidente brasileiro encontrou ressonância em grande parte da população. O maior grau de entrada na rede foi de Bolsonaro, com 552 menções, quatro vezes a mais que o 2º político mais citado, seu filho Eduardo Bolsonaro. Com o perfil @BolsonaroSP, Eduardo Bolsonaro foi o Deputado Federal mais votado nas eleições de 2018. Alinhado a espectro político da extrema direita, Eduardo acumula posturas polêmicas. Durante a pandemia da Covid-19, acabou seguindo as prerrogativas do pai e a defesa de fármacos sem comprovação científica para o tratamento da doença.

Na lista de políticos alinhados com Bolsonaro, a Deputada Federal Zambelli, eleita em 2018 após participar ativamente no movimento de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, torna-se uma das figuras que trabalhou na articulação da rede de menções da Covid-19. Apoiadora de Bolsonaro, Zambelli também criticou duramente a política de isolamento adotada por governadores e prefeitos e tornou-se uma das vozes do movimento contra a vacina da Covid-19 no País. Na lista de políticos governistas, o ex-ministro da Justiça e Segurança Sergio Moro esteve entre os dez atores com maior grau de entrada na rede, com 118 menções. Moro ficou reconhecido nacionalmente por conduzir a Operação Lava-Jato, que com o apoio do Ministério Público Federal de Curitiba e da Polícia Federal, prendeu parlamentares do PT e altos executivos da Petrobras.

Em oposição aos atores governistas, o na ocasião Presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, ocupa posição de destaque na rede, com 120 menções. Deputado Federal pelo Rio de Janeiro desde 1999, Maia tornou-se um dos principais oponentes do discurso negacionista de Bolsonaro durante a pandemia, concedendo entrevistas para defender as medidas de isolamento para conter o surto da Covid-19 no País. Bolsonaro atacou Maia em seus discursos, acirrando o embate entre os poderes, com o ex-presidente do Senado Samuel Alcolumbre saindo em defesa do presidente da Câmara. Odeh e Odeh-Moreira (2021) apontam que os discursos oficiais de autoridades no Brasil eram contrastantes, o que evidenciava uma falta de coesão e união para combater a pandemia. Todos esses fatos,

segundo apontam os autores, geraram grande instabilidade na esfera política do Brasil, adicionados à já existente crise de saúde e à cada vez mais grave crise econômica.

2.2 VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO

A categoria é formada pelas mídias *UOLNotícias* (146 menções); *G1* (118 menções); *Folha* (103 menções); *Estadão* (97 menções) e *Oantagonista* (82 menções). Deve-se destacar que a relação conflituosa de Bolsonaro com a imprensa se intensificava diariamente, com o uso de ataques à mídia tradiconal desde o período da campanha Eleitoral (Fernandes *et al.,* 2021). As investidas contra a imprensa ampliaram no contexto da pandemia. À medida que o vírus se espalha pelo País, o presidente mantém a postura negacionista e faz campanha contra os meios de comunicação tradicionais. Bolsonaro e apoiadores usavam o discurso de que o jornalismo tentava "desestabilizar o governo com mentiras".

Em 8 de junho de 2020, os jornais *O Estado de S. Paulo*, *G1, O Globo, Extra, Folha de S. Paulo* e *UOL* criaram O Consórcio de Veículos de Imprensa (CVI), parceria estabelecida entre os veículos de imprensa brasileiros, para informar dados da pandemia de Covid-19 no Brasil, recebidos das secretarias estaduais de saúde. Sua constituição ocorreu devido à restrição que o Ministério da Saúde promovera na época sobre a divulgação dos dados de números de casos e óbitos decorrentes de Covid-19. Inicialmente, os dados eram divulgados pelo Ministério da Saúde às 17 horas, e passaram na gestão de Eduardo Pazuello a ser publicados às 22 horas, impedindo que a maioria dos jornais televisivos de TV aberta pudessem exibir os números. Para além, os dados também chegavam de maneira incompleta, com omissões de números consolidados da doença, tabelas de quantitativos e mortes por data de notificação.

2.3 INFLUENCIADORES

O conjunto de tuítes da rede analisada ao qual demos o nome de Influenciadores é composto pelas personalidades Atila Iamarino, com 126 menções e Felipe Neto com 84 menções. Com forte presença no meio digital, o *youtuber* Felipe Neto se destaca como um dos grandes influenciadores digitais do Brasil. Possui 14,5 milhões de seguidores e se posicionou contra o governo Bolsonaro, com críticas que se intesificaram durante a pandemia da Covid-19. Já Atila Iamarino é biologo, doutor em microbiologia e pesquisador brasileiro, notório por seu trabalho de divulgação científica no canal do YouTube denominado Nerdologia, que

possui mais de 3 milhões de inscritos. Também utiliza outras redes sociais para combater teorias da conspiração e narrativas negacionistas, sobretudo as ligadas ao movimento antivacinação. Durante a pandemia da Covid-19, atuou como uma das vozes que buscou informar e combater as *fake news* sobre a doença, contrapondo inclusive conteúdos divulgados por Bolsonaro e seus apoiadores. Ingressou no Twitter, em fevereiro de 2008 e possui 1,3 mil seguidores.

2.4 INSTITUCIONAL

Por fim, o perfil oficil do Ministério da Saúde, que recebeu 77 menções passou durante o período da análise por forte instabilidade, com a substituição dos ministros Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, em especial por divergirem da conduta de Bolsonaro nas ações do isolamento e do tratamento precoce da doença, com a indicação de mendicamentos que formavam o kit Covid-19. A divergência de narrativa levou à demissão de Mandetta em 16 de abril de 2020, quando o substituto Teich assume o comando da pasta e, após 29 dias, deixa a pasta diante da pressão do Planato para indicar o uso de cloroquina em pacientes com Covid-19.

3 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NARRATIVAS EM CONTRAPONTO À CIÊNCIA NA PANDEMIA DA COVID-19

Como metodologia de pesquisa será utilizada a análise de conteúdo, já que se trata de um método com grande aderência aos estudos dos discursos on-line (Lindgren; Lundström, 2011). A análise de conteúdo se baseia em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação dos resultados (Bardin, 1977). Deve-se destacar que a amostra que será submetida à análise se concentrou nos 10 perfis mais influentes da rede. Assim, os perfis de @jairbolsonaro, @UOLNotícias, @oatila, @BolsonaroSP, @RodrigoMaia, @SF_Moro, @G1, @Folha, @CarlaZambeli e @felipeneto compuseram o *corpus* da pesquisa por serem os atores que receberam mais menções na rede durante o período da coleta, compreendido em 01 de março a 30 de junho de 2020.

Assim, foi iniciado o processo de pré-análise em que se realizou a leitura flutuante de todos os tuítes vinculados às contas dos dez perfis de cada ator da rede. Os tuítes relacionados aos dez perfis mais influentes foram disponibilizados em formato de plalhinha do excel, com dados do ID do nó, perfil relacionado e conteúdo tuitado. Ainda na fase de pré-análise, considerou-se a observância de alguns padrões narrativos prévios que permitiram um olhar

para o conteúdo de forma mais direcionada, sobretudo dos conteúdos que se assemelhavam em termos de narrativas.

Para proceder com a análise, tornou-se necessário organizar o material de modo a extrair unidades analíticas que sistematizassem esse material e organizassem o extenso volume de dados. Chamam-se esses tópicos de "categorias", indicadas a partir dos conteúdos recorrentes em cada planilha relacionados aos 10 perfis ~~s~~elecionados. Para cada transmissão, em sua decupagem, houve a divisão temática de cada pauta principal abordada. Essas pautas podem ser classificadas nas seguintes formas:

Quadro 1 - Categoria por conteúdo dos 10 perfis de maior destaque na rede social Twitter

Defesa de fármacos	A categoria comporta uma recorrência de narrativas que atuam em defesa de métodos, teses, medicações e protocolos contrários aos propostos pelas principais autoridades sanitárias.
Narrativas sobre a vacina	A categoria traz tuítes que questionam a eficácia da vacina, com dados que versam sobre os interesses na produção, segurança e efeitos decorrentes do imunizante.
Antagonismo com políticos	A categoria é formada por tuítes que atacam os governadores, prefeitos e demais políticos que adotaram medidas contrárias às indicadas pelo Governo Federal.
Medidas de isolamento	A categoria é composta por tuítes vinculados com críticas às políticas de distanciamento social, adotadas conforme orientação da OMS, com conteúdos favoráveis ao isolamento vertical.
Antagonismo com a mídia	A categoria traz tuítes que culpam a mídia por gerar pânico na população, ao propagar informações falsas sobre a Covid-19 no País.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na fase de exploração do material, o conteúdo foi submetido a um estudo aprofundado da dinâmica que compõe as *fake news*, por meio da ferramenta *Fact Check Explorer* criada pelo Google, de uso gratuito, que oferece acesso ao vasto acervo de informação disponível na *web*. O tuítes de todas as contas previamente selecionadas na etapa anterior foram submetidos a checagem.

3.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após análise exploratória da rede de tuítes de *fake news*, foi possível mapear as principais categorias relativas ao modo de comunicação estabelecido na rede social Twitter. Na fase posterior, estabelece-se uma análise qualitativa com base na apresentação das

principais inferências; ao fim, alguns elementos gerais sobre a construção da narrativa que sustentou as *fake news* no País durante a primeira onda da pandemia da Covid-19.

3.1.1 CATEGORIA – *FAKE NEWS* ANTAGONISMO COM POLÍTICOS

As *fake news* que tiveram conteúdos ligados ao antagonismo com o campo político foram as mais acionadas e ficaram centralizadas em duas subcategorias, que podem ser consideradas desdobramentos do alinhamento das declarações do ex-presidente Bolsonaro. A primeira subcategoria nomeada de "ataques a governadores e prefeitos", insinuam que as lideranças estaduais e municipais atuavam para derrubar na ocasião o presidente, com medidas de isolamento desnecessárias, que visavam comprometer a economia do País. Importante apontar que desde o início da pandemia, Bolsonaro usou as redes sociais para incitar manifestações contrárias a governadores e prefeitos que adotaram medidas de isolamento social.

Diante da controversa causada por Bolsonaro em relação ao tema, em abril de 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que Estados e Municípios tinham autonomia para tomar medidas de combate à transmissão da Covid-19, permitindo o fechamento de atividades comerciais e outras restrições de circulação e contato social nos Estados e Municípios. As críticas de Bolsonaro ressoaram nas redes sociais em formato de *fake news*, sendo que os ex-governadores de Sao Paulo, João Doria, e do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, se tornaram o maior desafeto do ex-presidente, pelas medidas de restrição impostas nos dois principais estados do País, conforme aponta os tuítes abaixo:

> @jairbolsonaro Os governadores querem derrubá-lo. E só estão liderados pelos dois principais (RJ e SP) que, coincidência, são os Estados mais atingidos por casos de Corona proporcionalmente.
> @RodrigoMaia, @BolsonaroSP Tem robô sim. Tem Doria, Witzel, Caiado, todos os governadores do Nordeste. E cada um colocando robôs da esquerda e centro, para destruir nosso Brasil. Vcs são um câncer no país, quem tem vcs no poder não precisa ter corona. Vc estão usando o Corona.

Outra subcategoria nomeada de "farsa no número de óbitos", questionava os laudos de mortos por Covid-19, indicando que governadores e prefeitos orientavam profissionais da saúde a fraudarem os atestados de óbitos para aumentar o número de mortos no País. Também oriunda do campo político, a tese foi divulgada em 20 de abril, por Bolsonaro, que afirmou sem apresentar provas, que o governo de São Paulo inflava o número de mortes provocadas pela pandemia do coronavírus para fazer uso político do tema. Na ocasião, o governador Doria

(PSDB) se apresentava como principal rival do presidente na disputa presidencial de 2022 (Andrade, 2020). Outros tuítes também reforçavam essa visão, com indicativos de que os números de óbitos por Covid-19 eram fraudados por líderes políticos nos Estados e Munícipios.

> @felipeneto Quem tem é o @jdoriajr (Governador de São Paulo) assinou uma MP, decretando que os médicos do Samu deveria colocar na ocorrência dos casos de atendimentos graves atestando Corona vírus, ou seja elevado o resultado.

O autor aponta que um dos aspectos importantes no ataque a governadores e prefeitos é que ele ocorre como instrumento de defesa às críticas que o ex-presidente sofria na gestão da pandemia. Ao lançar dúvidas sobre o aumento expressivo de mortos pela Covid-19, Bolsonaro e o seu grupo de apoiadores desviava a atenção para o aumento dos índices de desemprego, sem fazer com que a insatisfação popular atingisse o Governo Federal. Assim, a ausência de informações precisas e diárias do Ministério da Saúde sobre os avanços da Covid-19 permitia que o ex-presidente culpasse os prefeitos e governadores pela crise, como também conclamasse a população a questionar os dados da pandemia.

3.1.2 CATEGORIA – *FAKE NEWS* ANTAGONISMO COM A MÍDIA

A segunda categoria de *fake news* mais acionada na rede de menções da Covid-19 retrata a cobertura da pandemia da Covid-19 efetuada pela mídia tradicional. O conteúdo se desdobrou em duas subcategorias. Uma nomeada de "mídia distorce", que traz referência às possíveis manipulações da imprensa e citam os desafios que Bolsonaro enfrentava para governar o País no contexto da pandemia. O conteúdo falso dos tuítes que mencionam o perfil dos políticos, entre os quais Bolsonaro e Zambelli, aponta que a imprensa ocultava e distorcia informações com objetivo de prejudicar a imagem do ex-presidente, conforme apontava o perfil do *Twitter* de @ArkamVampyre: @jairbolsonaro,"@CarlaZambelli38 é vital mostrar que o governo JB está agindo para cuidar do povo no caso do corona, pq a mídia está distorcendo a opinião pública para que ela creia que o governo está omisso, o que não é verdade".

Na outra subcategoria, as menções são direcionadas diretamente para as contas dos veículos de comunicação, com acusações de conspirarem contra o governo e propagarem *fake news* em relação à pandemia da Covid-19, com o intuito de retirar Bolsonaro do poder. Nomeada de "imprensa conspira", as menções se baseiam na narrativa adotada pelo ex-presidente em relação à mídia tradicional, antes mesmo do início do seu mandato. Autor *et al.*

(2021), indica que Bolsonaro adotou uma das estratégias do ex-presidente americano Donald Trump, ao assumir uma postura de embate com profissionais e veículos que divulgavam reportagens contrárias a ele. Utilizando o jargão preferido de Trump, o ex-presidente brasileiro passou a utilizar "*fake news*" para classificar as notícias que lhe pareciam desfavoráveis.

> @UOLNoticias Tem vídeo da família do cara confirmando q ele não morreu de corona! Assistam e vejam q é a imprensa que tá espalhando *fake news*!! https://t.co/7y9oXStQrr
> @folha "@FZanini A mídia acha que a gente Não tá percebendo eles se aproveitando do caos do Corona pra pedir impeachment. Depois Não entendem pq perderam a credibilidade. Subestimam demais.

As menções ligadas a essa subcategoria acusavam a imprensa de propagar conteúdos falsos, principalmente no período da pandemia, em que os veículos noticiosos se uniram para divulgar e dar visibilidade ao discurso da ciência em contraponto ao negacionismo assumido pelo Governo Federal.

3.1.3 CATEGORIA *FAKE NEWS* DEFESA DE FÁRMACOS

As *fake news* que tratavam de medicamentos para o combate ao vírus, entre os quais a cloroquina e a ivermectina, fármacos que não possuíam a adesão dos especialistas e médicos para o tratamento de pacientes com Coronavírus, mas fortemente defendidos por Bolsonaro desde a fase inicial da doença no País, ocuparam amplo destaque na rede. A categoria se dividiu em três subcategorias de conteúdos falsos sobre o tema, com narrativas que relatavam as experiências pesssoais e de terceiros no uso dos medicamentos, alertando para a completa eficácia na cura da doença. Nomeada de "relatos pessoais", as menções foram dirigidas aos atores da rede, segundo demonstram alguns tuítes: "@CarlaZambelli38 Eu tive corona vírus e também tomei ivermectina, azitromicina, graças a Deus fiquei boa rapidinho. Já tenho uma boa idade hein" e do @UOLNoticias que divulgou o relato do médico cardiologista Felipe Santos que usou cloroquina: "Médico com corona relata medo e alívio com cloroquina: 'Medicação certa'zpr.io/t2Tte".

Tais passagens demonstram o que van Zoonen (2021) nomeou de "eu-pistemologia", processo segundo o qual os indivíduos rejeitam a epistemologia científica como tal e tentam substituí-la pelo bom senso das pessoas, suas experiências pessoais e sentimentos emocionais. Tal mecanismo é amplificado pelas redes sociais, que alteraram a maneira como o

conhecimento é construído, como nos conectamos uns aos outros e a relação que estabelecemos com as estruturas sociais.

Outra subcategoria, nomeada de "pseudociência", seguiu a conduta de Bolsonaro nas redes sociais, ao disseminar resultados de pesquisas e/ou apontar países em que o uso da cloroquina foi considerada uma droga milagrosa no combate ao coronavírus. Insistindo em conteúdos falsos comprovadamente atestados pelas agências de checagem, Bolsonaro buscava referendar suas teses a partir das opiniões de especialistas que concordavam com o uso da cloroquina no tratamento de pacientes com Covid-19, como a médica Nise Yamaguchi uma das principais especialistas citadas pelo ex-presidente, incluindo declarações públicas, compartilhamento de vídeos e a participação dela no aconselhamento ao Governo (Fernandes, 2022). Da mesma forma, as *fake news* que circularam sobre o tema se baseavam em informações sobre o uso do fármaco, sem comprovação científica.

> @BolsonaroSP Dr. yong e DR. NILSE deram um show de certezas que no Brasil as mortes de corona a maioria é uma farsa. Pacientes morrem de câncer colocam covid-19. Cloroquina ta salvando vidas no coquetel em hospitais. Super faturamentos em respiradores roubo total.

A defesa ao uso dos fármacos ganhou eco na rede de apoio do ex-presidente que passou a apelar pela aprovação do uso do medicamento. Essa subcategoria foi nomeada de "apelo público a cloroquina". Os conteúdos que circularam na rede com o tema fizeram menções especificamente a Bolsonaro e a seu filho Eduardo Bolsonaro, ferrenho defesor dos medicamentos, conforme aponta os tuítes retirados da amostra: "@BolsonaroSP Por que não se coloca de volta nas farmácias a hidroxicloroquina e a invermictina? Evitaria ter que ir a um hospital na fase inicial do corona".

3.1.4 CATEGORIA *FAKE NEWS* SOBRE O DISTANCIAMENTO SOCIAL

Durante a pandemia, o Governo adotou uma postura contrária às recomendações dos médicos e da OMS, em especial antagonizando os governadores e prefeitos sobre as políticas de isolamento. Bolsonaro, conforme aponta Fernandes (2022), sempre se opôs a qualquer medida de distanciamento social. Limitou-se a dizer que apenas os mais frágeis e idosos pudessem ser protegidos, desconsiderando o risco da doença para o público mais jovem. O conteúdo das *fake news* ligadas à categoria isolamento, quinta mais acionada, gerou três subcategorias. A primeira subcategoria, nomeada de "isolamento vertical", indicava o

isolamento vertical como o mais eficaz para conter a propagação do coronavírus. Entre as *fake news* que circularam sobre o tema, destacam-se as menções ligadas ao perfil de Bolsonaro: "@jairbolsonaro Só pra te lembrar, que casos graves da infecção por corona ocorre em idosos e portadores de comorbidade. Portanto, não será toda a população que precisaria de intervenção hospitalar. Assim, o isolamento vertical é necessário. E os médicos que conheço, não são de mentirinha".

A associação de Bolsonaro com a categoria se justifica por ter sido o primeiro a defender a tese do isolamento vertical em pronunciamento realizado no dia 25 de março de 2020, em que afirmou que a medida seria eficaz para que a população fora do grupo de risco pudesse retornar ao trabalho, mantendo em isolamento apenas os idosos e individuos com comorbidade. Não obstante, a tese foi nomeada de fraude pseudocientífica pelo epidemiologista Naomar de Almeida Filho (2020), já que não se alinhava às prerrogativas do campo científico da medicina e da saúde coletiva para proteger os idosos e mais vulneráveis. Segundo o pesquisador, o conceito nunca foi proposto e, portanto, nunca foi usado para controlar epidemias no passado. Almeida Filho complementou que a proposta foi uma invenção de um consultor de negócios, do grupo de conselheiros de Donald Trump que mencionou a ideia e, quase imediatamente, Bolsonaro adotou o isolamento vertical como política de governo.

A segunda subcategoria, nomeada de "Covid-19 e condições climáticas", esteve relacionada a teorias que apontam que o vírus não sobrevive em países de climas tropicais, com temperaturas elevadas durante o verão. Nesse sentido, segundo os tuítes, o isolamento no Brasil só se justificaria no inverno. Alinhado ao perfil de Atila Iamarino, o conteúdo falso apontava: "@oatila hoje vi um médico dizer que os vírus da família corona são pouco resistente em temperaturas acima de 20 graus celsius. E que por isso aqui no Brasil agora não seria necessário o isolamento".

Outra subcategoria, nomeada de "isolamento como jogada política", trazia *fake news* que estabelecia uma ligação entre as restrições impostas pelos Estados e Munícipios, com a tentativa de enfraquecer o governo de Bolsonaro, já que tais ações além de não surtirem efeito algum na propagação da doença, comprometiam a economia do País. As menções que circularam no perfil de políticos e da mídia ligavam as restrições a figuras políticas, partidos e países, conforme segue:

> @BolsonaroSP – O CORONAVIRUS e o isolamento são uma jogada política para derrubar o Mito. Um absurdo, China, Europa e até os Estados Unidos se uniram para derrubar nosso presidente!
> @RodrigoMaia Repito, isolamento é para derrubar a economia e matar mais pessoas, esse é o plano deles, é conspiração, os números existem, gripe comum matou o mesmo tanto, mas as pessoas só morrem de coroná, quem liga pra que morre de fome? Acordem, não confiei na mídia nem em representante.

O conteúdo falso que acirrou a polarização esteve relacionado às narrativas empreendidas pelo próprio Bolsonaro, já que os adversários políticos que propuseram medidas de isolamento e buscaram organizar as ações de combate à disseminação do vírus passaram a ser considerados inimigos do Brasil e de seu povo.

3.1.5 CATEGORIA *FAKE NEWS* VACINA

A categoria relacionada à vacina também foi atravessada pelo discurso do Governo Federal. Logo que os primeiros imunizantes contra a Covid-19 surgiram, Bolsonaro negou a compra do medicamento, indicando em suas *lives* transmitidas pelo Facebook que nenhum brasileiro serviria como cobaia. Em movimento contrário a Bolsonaro, o ex-governador de São Paulo, João Doria, anunciava parceria com o laboratório chinês Sinovac, que pesquisava a vacina Coronavac, produzida no Brasil em parceria com o Instituto Butantã. Bolsonaro criticava as ações do desfato político, e se recusava a comprar a vacina da China (Coronavac), alegando que não sentia "segurança" no país, por ser comunista.

Nesse sentido, nomeada de "movimento anti-vacina", a maior parte das menções contrárias à vacinação encontra eco na desconfiança em relação ao imunizante, conforme segue texto que aponta que a Covid-19 foi criada em laboratório, reforçando a tese conspiratória em torno da vacina:

> @jairbolsonaro,"@jairbolsonaro O coronavírus é um vírus da cadeia animal, nunca transmissível aos humanos, que a muitos anos os animais fazem a vacina dele (NOBIVAC CANINE 1-DAPPVL2+CV). Portanto este vírus passou agora para os humanos, que possivelmente foi alterado em laboratório propositalmente - https://t.co/HGv0oEdHYh"

A subcategoria "teoria da conspiração" abarca *fake news* que imputam ao empresário Bill Gates a responsabilidade pela produção do coronavírus, com o objetivo de produzir uma vacina que fosse capaz de injetar um *microchip*, visando despovoar o mundo e/ou controlar a população. Em uma conferência no ano de 2015, Bill Gates alertou que se alguma coisa for

capaz de matar mais de 10 milhões de pessoas nas próximas décadas, provavelmente seria um vírus altamente infeccioso, e não uma guerra. Após o surgimento da pandemia da Covid-19, o vídeo ganhou enorme visibilidade nas redes sociais e conteúdos falsos foram produzidos com o tema, conforme tuítes que mencionam a conta do *UOLNotícias*: "@UOLNoticias Há 10 anos atrás o bill gates fez uma palestra dizendo que deveria ser criada uma vacina para reduzir 15% da população. Hoje ele só o maior financiador da vacina contra o corona. acorda gente, só a ditadura globalista em prática. https://t.co/l7sl3elnrm".

CONCLUSÃO

A pesquisa aponta de que forma foram construídas as narrativas de atores políticos e o modo como lidaram com os primeiros meses da pandemia da COVID-19 em 2020. A percepção da circularidade de informações distorcidas no Twitter apresenta uma organicidade do movimento bolsonarista na repercussão de temáticas dissonantes daquilo que foram os princípios da atuação política, sanitária e midiática no combate à pandemia. Pode-se afirmar, portanto, que esses foram os três eixos de desinformação do movimento bolsonarista durante a pandemia.

Política, porque desacreditou a ação de governantes e lideranças, uma vez que a pauta do Governo Federal não estava de acordo com as proposições políticas seguidas por governadores e prefeitos a partir do indicativo das equipes técnicas de saúde de suas secretarias. Os agentes políticos tornaram-se adversários do Governo e foram apresentados pela comunicação bolsonarista como inimigos do povo. Uma disputa de sentido e de poder, porque buscou dominar a produção de efeitos a partir de um olhar que negava a gravidade da pandemia e buscava uma forma de combatê-la que tivesse o menor impacto econômico. Também se destaca no eixo político a ressurreição do fantasma do comunismo como uma ameaça iminente e sua associação com a China. A demonização do país cumpre o papel de criar um culpado e sustentar um cenário maniqueísta para abordar o problema.

É sanitária, porque versa sobre ações de prevenção e tratamento heterodoxas e, mais notadamente, negacionistas. A começar pelo descrédito à vacina, como tem sido comum em movimentos de extrema direita desde a década de 1990 (Da Empoli, 2020). A narrativa pauta medicamentos de tratamento sem comprovação e cria uma forte oposição às medidas de distanciamento social.

O eixo midiático representa um aspecto estruturante, porque tratou de combater o trabalho do jornalismo profissional. O cenário de disputa, feito a partir das plataformas digitais, como é o caso do Twitter, busca embasar apoiadores a partir do vértice central de distribuição da desinformação, reiterado pela força do perfil do ex-presidente Bolsonaro e de seus apoiadores. A pesquisa atestou, ainda, que o número de citações a políticos foi bastante superior àquele feito a perfis de influenciadores, institucionais e midiáticos. A política pautou a crise sanitária e, a partir dela, desenvolveu um pararelismo narrativo estruturado em interesses de poder notadamente apócrifos e sustentados pela vertente da desinformação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Naomar de. O isolamento vertical defendido por Bolsonaro é uma fraude pseudocientífica. **ABRASCO**, Rio de Janeiro, 22 maio 2020. Disponível em: https://abrasco.org.br/o-isolamento-vertical-defendido-por-bolsonaro-e-uma-fraude-pseudocientifica-artigo-de-naomar-de-almeida-filho/. Acesso em: 10 jun. 2022.

ANDRADE, Hanrrikson de. Sem provas, Bolsonaro diz que gestão Doria "infla" mortes por coronavirus. **UOL**, Brasília, 30 abr. 2020. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/30/sem-provas-bolsonaro-diz-que-gestao-doria-infla-mortes-por-coronavirus.htm. Acesso em: 10 de jun. 2022.

ARENDT, H. Verdade e política. *In*: ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 282-325.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CRUZ JR., G. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. **ETD – Educação Temática Digital**, v. 21, n. 1, p. 278-284, 2018.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade.** Tradução de Carlos Szlak. Barueri: Faro Editoral, 2018.

DA EMPOLI, G**. Os engenheiros do caos**. Tradução de Arnaldo Bloch. 1. reimp. São Paulo: Vestígio, 2020.

DEGENNE, A.; FORSÉ, M. **Introducing Social Networks**. London: Sage, 1999.

FERNANDES, C. M. A pandemia do Coronavírus: narrativas presidenciais e negacionismo científico. **Lumina**, v. 16, n. 3, p. 71-91, 2022.

FERNANDES, C. M.; OLIVEIRA, L. A.; COIMBRA, M. R.; CAMPOS, M. M. de. Press X Government: the populist rhetoric of the Covid-19 pandemic on the social network Twitter. **Brazilian Journalism Research,** v**.** 17, n. 3, p. 562-595, 2021.

GOOCH, A. Na era da pós-verdade. **Revista UNO**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 14-15, 2017.

KEYES, R. **A era da pós-verdade**: desonestidade e enganação na vida contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2018.

LEMERT, C. **Pós-modernismo não é o que você pensa**. São Paulo: Loyola, 2000.

LINDGREN, S.; LUNDSTRÖM, R. Pirate culture and hacktivist mobilization: the cultural and social protocols of #WikiLeaks on Twitter. **New Media and Society**, v. 13, n. 6, p. 999-1018, 2011.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olímpio; 1998.
ODEH, M. M.; ODEH-MOREIRA, J. A pandemia de Covid-19 no Brasil: consequências de um novo futuro para a sociedade brasileira. *In*: SANTOS, A. de O.; LOPES, L. T. **Reflexões e futuro**. Brasília: Conselho Nacional de Secretária da Saúde, 2021. p. 84-102.

RECUERO, R. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Revista Fronteiras**, v. 16, p. 60-77, 2014.

RECUERO, R.; BITTENCOURT, M. C. A.; ZAGO, G. DA S. O discurso de veículos jornalísticos e a repercussão da audiência no Twitter sobre os protestos de 15 de março de 2015 no Brasil. I**ntercom**, São Paulo. Online, v. 39, p. 115-134, 2016.

SILVEIRINHA, M. J. Bolhas de verdade: cinco alfinetes para (re)construir a democracia. **Estudos em Comunicação**, v. 2, p. 35-45, 2018.

VAN ZOONEN, L. I-pistemology: changing truth claims in popular and political culture. **European Journal of Communication**, v. 2, p. 56-67, 2021.

WARDLE, C. F.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe Report, 2017.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis**. Methods and Applications. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

ZARZALEJOS, J. A.. Comunicação, jornalismo e fact-checking. **Revista UNO**, Rio de Janeiro n. 27, p.11-13, 2017. Disponível em: https://www.revista-uno.com.br/numero-27/comunicacao-jornalismo-e-fact-checking/. Acesso em: 10 jun. 2019.